

1

QUANDO O MUNDO PIORA AS COISAS

Daniel 1.1-21



Resolveu Daniel, firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se (Dn 1.8).

Há um gênero fascinante da literatura que recebe o nome de “histórias alternativas”. Esses romances imaginam como a vida seria se a história tivesse tomado rumo diferente daquele que tomou. No romance de história alternativa *SS-GB*¹, Len Deighton imagina “E se Adolf Hitler tivesse focado toda a sua atenção em invadir a Bretanha em 1940 e não tivesse começado uma segunda investida contra a Rússia?” Muito possivelmente, ele teria feito uma investida bem-sucedida e o resultado seria uma face muito diferente para a Bretanha e Europa hoje. Com toda probabilidade, as pessoas nesses países teriam crescido em um estado de repressão policial, vivendo em constante medo das autoridades.

Para alguns europeus, é claro, essa não é uma história alternativa. Leciono regularmente em um pequeno seminário na Letônia, e os jovens nesse país sabem precisamente como é crescer sob um regime repressivo. Depois de haver um breve período de independência entre as duas guerras mundiais, seu pequeno país foi anexado pela Rússia em 1940 e passou a maior parte dos próximos cinquenta anos sob regras que lhes eram estranhas, até serem finalmente aptos a reaver sua liberdade em 1991. Foi um tempo de terror

¹ Len Deighton, *SS-GB: Nazi Occupied Britain*, 1941 (Nova York, Knopf, 1979).

e intenso sofrimento para todos os letões, especialmente para a igreja, visto que seu mundo foi invadido por inimigos que estavam determinados a destruir sua cultura, sua língua, sua identidade e sua religião. Qualquer um que tivesse um potencial para liderança era executado ou exilado para alguma parte distante do império soviético.

Você pode imaginar o que deve ter sido ser exilado de sua terra para uma cidade estrangeira, ficar sozinho, com medo, distante de qualquer ambiente familiar? Como você lidaria com um cenário tão hostil? A quais verdades você se agarraria? Você permaneceria fiel à sua identidade formada ou simplesmente seria assimilado por seu novo ambiente?

A experiência do exílio

Esse, porém, não é um exercício inteiramente imaginário para nós. Muito embora nossa experiência ocidental de hostilidade deste mundo certamente não seja normalmente tão extrema como a da Letônia no pós-guerra, continua sendo verdade para todos nós que somos exilados aqui nesse mundo. Como cidadãos dos céus, os cristãos vivem como estrangeiros e peregrinos em uma terra que não é deles mesmos, e há tempos em que a inimizade do mundo contra o povo de Deus se torna evidente. A hostilidade do mundo é frequentemente demonstrada em seus esforços de nos forçar a entrar no seu molde. Ele quer que nos conformemos aos seus valores e padrões para não ficarmos fora da multidão. A pressão está sobre nós na escola e no trabalho, para sermos como os demais na maneira como nos vestimos, na linguagem que usamos. É esperado que riamos de certos tipos de piadas e fofuquemos a respeito de certas pessoas. Se quisermos entrar e ser promovidos no mundo dos negócios, somos pressionados a deixar nossos valores e crenças religiosas na porta da frente e viver o estilo de vida inteiramente assimilado pela comunidade dos negócios. É esperado de nós que valorizemos as coisas que a cultura que nos cerca valoriza, que persigamos apaixonadamente seus prêmios reluzentes e, geralmente, vivamos em obediência aos seus ídolos. Temos que escolher diariamente se faremos parte deste mundo no qual vivemos, ou pegaremos o caminho difícil de nos manter contra ele.

Como você age em meio à fragmentação e alienação que é a vida aqui nesse mundo? A quais verdades você pode se agarrar quando os gumes irregulares da existência estão balançando contra você e cortando sua carne? O que você precisa saber para viver uma vida de fé em um mundo estranho, um mundo que é frequentemente um lugar de doença, dor, relacionamentos quebrados, lágrimas amargas, tristeza e morte? Essas são as questões para as quais o livro de Daniel nos dará respostas. Esse é um livro escrito para o povo de Deus do Antigo Testamento, Israel, quando experimentou o

quebrantamento e a dor da vida no exílio, longe de casa. Foi elaborado para encorajá-los em sua caminhada com Deus, que estava com eles no meio de sua dor.

A fidelidade de Deus no julgamento

A própria história de Daniel no exílio começa assim:

No ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a sitiou. O Senhor lhe entregou nas mãos a Jeoaquim, rei de Judá, e alguns dos utensílios da Casa de Deus; a estes, levou-os para a terra de Sinear, para a casa do seu deus, e os pôs na casa do tesouro do seu deus. Disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, tanto da linhagem real como dos nobres, jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento e que fossem competentes para assistirem no palácio do rei e lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus. Determinou-lhes o rei a ração diária, das finas iguarias da mesa real e do vinho que ele bebia, e que assim fossem mantidos por três anos, ao cabo dos quais assistiriam diante do rei (Dn 1.1-5).

Para viver fielmente em um exílio, precisamos primeiro conhecer a fidelidade de Deus. Isto não é completamente uma verdade confortadora como você pode imaginar, uma vez que o primeiro aspecto da fidelidade de Deus que podemos ver nesse capítulo é a fidelidade de Deus no julgamento. O exílio de Judá de sua terra no tempo de Daniel não foi meramente um acidente do destino nem o trágico resultado das políticas expansionistas do império da Babilônia no final do século 7º a.C. Como Daniel 1.2 deixa claro, o exílio veio sobre Judá porque o Senhor entregou o rei Jeoaquim ao poder de Nabucodonosor. Deus entregou seu povo nas mãos de seus inimigos.

O Senhor havia avisado a Israel da consequência certa de seus pecados no livro de Levítico. No início da história de Israel como nação com Deus, o Senhor fez uma aliança com Israel, uma aliança que incluía bênçãos para a obediência e maldições em caso de desobediência (Lv 26). Se Israel servisse ao Senhor fielmente e mantivesse os termos da aliança, experimentaria seu favor e bênção (26.3-13). Contudo, se o abandonasse e violasse sua aliança, experimentaria sua ira e desfavor (26.14-39). Se persistisse em sua desobediência, o Senhor o espalharia por entre as nações e ele definharia no exílio (26.33,39). Esse foi exatamente o destino de Israel como se desenrolou. Por causa da persistente desobediência e rebelião contra Deus por muitas gerações, o Senhor finalmente o entregou ao poder de seus inimigos e ele foi para o exílio.

Ainda assim, o destino de Daniel e seus amigos ao serem arrastados para o exílio não foi meramente um cumprimento da maldição geral da aliança de Levítico 26. Foi também o cumprimento específico da profecia de Isaías em 2Reis 20.18. O rei de Judá, Ezequias, recebeu enviados e um presente vindos de Merodaque-Baladã, rei da Babilônia. Em resposta, Ezequias mostrou-lhes tudo o que era valioso em seu arsenal e em todos os seus tesouros (20.13). Por essa ação, foi duramente condenado pelo profeta Isaías.

Por que o Senhor ficou tão irado com Ezequias? Qual era o problema em dar aos enviados da Babilônia um *tour* real pelo palácio? A resposta é que, no mundo antigo, nada vinha de graça. Quando Merodaque-Baladã mandou seus enviados e um presente a Ezequias, esse não era meramente um mero gesto amigável de boa vontade por sua recuperação da doença. Ao contrário, ele estava solicitando a ajuda e o apoio de Ezequias em seus correntes embates com a Assíria.² Então, quando Ezequias mostrou aos enviados sua casa do tesouro, estava respondendo positivamente ao pedido de aliança de Meroque-Baladã e procurava mostrar-lhe que tinha os recursos para ser um útil aliado contra a Assíria. Apesar do milagroso livramento que o Senhor deu a Jerusalém quando se viu cercada pelos exércitos de Senaqueribe e da Assíria nos capítulos anteriores do Livro dos Reis, Ezequias estava agora procurando recursos políticos para resolver o problema da Assíria por meio de alianças com a Babilônia. A política tinha tomado o lugar da confiança no Senhor.

Essa não é meramente uma tentação antiga. Pessoas modernas também podem ser tentadas a colocar suas esperanças em alianças políticas no lugar da confiança no Senhor de todo coração. O custo pode ser a perda de nossa distintiva voz espiritual como igreja, tornando-a apenas mais um comitê de ação política. Por outro lado, podemos investir nossas esperanças de carreira adotando métodos mundanos de avançar, somente para descobrir mais tarde o custo destes métodos em nosso lar e em nossa família.

A palavra de julgamento de Isaías sobre a estratégia de Ezequias foi específica e severa. Como Ezequias procurou preservar seus tesouros por confiar na Babilônia, os babilônios viriam e levariam tudo o que havia em seu palácio (2Rs 20.17). Longe de assegurar segurança para sua linhagem, sua tola aliança espiritual resultaria em alguns de sua própria descendência sendo levados e se tornando eunucos no palácio do rei da Babilônia (20.18). Essa é uma palavra específica de julgamento que foi cumprida nos versos iniciais do livro de Daniel. Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio a Jerusalém, levou os tesouros do templo de Deus e os pôs na casa de seu

²T.R. Hobbs, *2 Kings*, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1985), 294.

próprio deus (Dn 1.2) e tomou alguns da família real e da nobreza – os descendentes da Ezequias – e os pôs sob os auspícios de Aspenaz, o chefe da corte de oficiais, ou eunucos (1.4).³ O julgamento divino sobre a linhagem de Ezequias foi realizado fielmente, como Isaías havia dito.

Julgamento e esperança

No entanto, o reconhecimento de que seu destino vinha das mãos de Deus como um fiel ato de julgamento era por si só um encorajamento para os exilados. Seu futuro não estava sendo controlado pela Babilônia ou seus deuses, mas pelo Senhor, o Deus do céu (Dn 2.19). Aquele que os havia mandado para o exílio também prometeu estar com eles lá e, finalmente, restaurá-los do exílio depois do tempo de julgamento. Um paralelo implícito é traçado entre os artigos sagrados roubados do templo e o povo que foi tomado por Nabucodonosor: os jovens são descritos como “sem nenhum defeito” (*me'um*), uma palavra mais comumente usada para sacrifício (1.4).⁴ Assim como o Senhor permitiu a Nabucodonosor levar os vasos do templo, ele também permitiu que fossem levadas algumas das melhores pessoas. O paralelo, posteriormente, implica que, assim como os vasos do templo eventual e inevitavelmente encontrariam seu caminho de casa (veja Ed 1.7), o povo exilado também encontraria.⁵ Deus não abandonará aquilo que é seu.

Esse é um ponto importante. Durante os piores momentos, a vida frequentemente parece fora de controle. Nosso destino pode, às vezes, parecer descansar nas mãos de pessoas hostis ou no desenrolar de forças impessoais de um tipo ou outro. Mas a realidade é que toda a nossa experiência nesse mundo, da aparente coincidência, por um lado, aos atos determinados de homens e mulheres pecadores, do outro, descansa sob o controle de nosso soberano Deus. O pardal não cai no chão sem a sua permissão (Mt 10.29), o que demonstra que até o mais trivial dos eventos ocorre debaixo de suas vistas. No outro extremo, até o ato mais vil de todos os tempos, a crucificação de Jesus, também se desenrola conforme o propósito predeterminado de Deus (At 4.28). Nenhum ato pecaminoso jamais pegou Deus de surpresa ou frustrou sua soberana vontade. Tudo o que experimentamos na vida, não

³ A palavra hebraica para “oficial” e “eunuco” é a mesma. Não está claro se Daniel e seus amigos foram literalmente emasculados na preparação para suas novas atribuições. Alguns, mas não todos os oficiais babilônios, eram literalmente eunucos. O ponto essencial do texto, contudo, é que o que Isaías havia profetizado estava se tornando verdade.

⁴ Tremper Longman III, *Daniel*, New International Version Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 49.

⁵ Sobre a importância do tema dos vasos do templo, veja P.R. Ackroyd, “The Temple Vessels – A continuity Theme”, em *Studies in the Religion of Ancient Israel* (Leiden: E.J. Brill, 1972), 166-79.